

## **A invasão silenciosa do *terrorismo midiático* na América Latina**

**Carla Candida Rizzotto<sup>1</sup>**

**Cora Catalina<sup>2</sup>**

**Universidade Tuiuti do Paraná**

### **Resumo**

O atual panorama político latino-americano se debruça sobre a necessidade de espaços para aprofundar reflexões e abrir debates sobre o papel da imprensa enquanto antagonista de movimentos revolucionários. Este artigo analisa a história da TeleSur, um canal de televisão constituído por uma sociedade multiestatal sob coordenação da Venezuela, através de uma rede de colaboradores de diferentes países latino-americanos. Na atual pauta de debate deste canal está o enfrentamento ao imperialismo noticioso, tema de destaque no *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Mediático* (Caracas, 27 a 30 de março de 2008). Neste tema se discute a função de ingerência política que a imprensa, historicamente, vem desempenhando no sentido de estimular a construção do imaginário coletivo para a desestruturação de sistemas de governo discordantes da política neoliberal. Neste trabalho analisamos o que foi veiculado tanto pela mídia brasileira quanto pela TeleSur, a respeito da invasão da Colômbia ao Equador, um momento midiático relevante para o jornalismo regional. As diferenças encontradas a partir desta comparação embasam o debate a respeito da ingerência política desempenhada pela imprensa brasileira.

### **Palavras-chave:**

Jornalismo latino-americano; imperialismo noticioso; TeleSur.

### **Introdução**

A imprensa latino-americana, no atual panorama político do continente, tem se caracterizado como antagonista dos movimentos revolucionários surgidos na região. Este tema foi destaque no *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Mediático*, que ocorreu em Caracas, de 28 a 30 de março de 2008, e discutiu a função de ingerência

---

<sup>1</sup>Aluna do Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná e integrante do Grupo de Pesquisa JORXXI  
E-mail: carla\_rizzotto@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Aluna do Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná e integrante do Grupo de Pesquisa JORXXI. E-mail: coracatalina@gmail.com

política que a imprensa, historicamente, vem desempenhando no sentido de estimular a construção do imaginário coletivo para a desestruturação de sistemas de governo discordantes da política neoliberal. Entendemos que essa função exercida pela imprensa latino-americana decorre da dominação cultural exercida pelos Estados Unidos no continente. Decorrente desta afirmação, num primeiro momento, este artigo procura verificar como se dá a dominação cultural na América Latina, além de analisar as notícias veiculadas na imprensa brasileira sobre o encontro em Caracas, considerado de relevância para a mídia regional.

Como meio de oposição a essa imprensa “monopolizante”, discutiremos também o surgimento e a história da TeleSur, um canal de televisão constituído por uma sociedade multiestatal sob coordenação da Venezuela, através de uma rede de colaboradores de diferentes países latino-americanos. Este canal de televisão tem como pauta de debate, justamente, o enfrentamento ao imperialismo noticioso realizado pelos demais grupos de comunicação do continente.

Em seguida será feita uma breve análise a respeito de como o conflito Colômbia X Equador, que dominou os noticiários nas primeiras semanas do mês de março de 2008, foi retratado pela TeleSur e, por outro lado, pela mídia brasileira. As impressões obtidas a partir destas duas análises, devem embasar o debate a respeito da ingerência política desempenhada pela imprensa brasileira.

## **1. O terrorismo midiático: a história que construímos**

A influência exercida pelos Estados Unidos sobre a mídia dos países latino-americanos tem em vista a dominação cultural dos povos do continente. Dominação esta que não é um fenômeno ocasional, pelo contrário, é um processo vital para garantir a dominação econômica e a hegemonia política norte-americana. (BELTRÁN; CARDONA, 1982).

Para discutir a respeito da dominação cultural, é necessário entender, num primeiro momento, os outros dois âmbitos em que a dominação norte-americana é exercida. A dominação econômica é a mais evidente de todas. Os EUA mantêm um intercâmbio econômico com a América Latina marcado por grandes desigualdades, mantendo toda a região como uma fonte de matérias-primas a preços baixos e como um mercado para seus produtos manufaturados.

A dominação política também é muito evidente, além de ser indispensável para a manutenção desse processo de intercâmbio econômico que favorece os EUA.

Com muito poucas exceções, os Estados Unidos têm-se colocado tradicionalmente ao lado de governos conservadores e autoritários, militares ou civis, da América Latina, que asseguram a continuidade de sua dominação. Invariavelmente, os Estados Unidos também têm-se oposto a todas as tentativas de mudança social, econômica ou política, formuladas em nosso continente com vistas à sua emancipação. (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 27).

Não é difícil perceber, além de ser um consenso, que a América Latina tem sido dominada economicamente, politicamente e culturalmente pelos Estados Unidos desde as últimas décadas do século XX. Os países latino-americanos deixaram de ser colônias dos impérios espanhol e português há mais de um século e ainda hoje estão submetidos à dominação norte-americana: "a semelhança com as condições coloniais é tal que a relação se identifica como de "neocolonialismo". (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 25).

A respeito da dominação cultural, ponto de interesse deste artigo, já em 1979, na III Conferência do CELAM (Conferência Geral do Episcopado Latino Americano), foi dito:

É particularmente grave a manipulação informativa exercida pelas empresas e interesses transnacionais sobre nossos países.

Os meios de comunicação social converteram-se em veículo de propaganda do materialismo reinante, pragmático e consumista, criando em nosso povo falsas expectativas, necessidades fictícias, graves frustrações e um afã competitivo malsão. (apud BELTRÁN, CARDONA, 1982, p. 15).

Assunto que também foi discutido no *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, realizado em Caracas nos dias 28, 29 e 30 de março de 2008. O encontro teve como temas principais a guerra midiática na América Latina, a questão do imperialismo contra a unidade latino-americana e a posição das agências de notícias frente à guerra midiática. O diretor da *Agencia Bolivariana de Noticias* (ABN), Freddy Fernández, afirmou que "nos hace falta articular un sistema propio de comunicación en todo el continente para que nuestra condición ética resista la política imperial que algunos quieren imponer en esta región del mundo." (FERNÁNDEZ apud BOLETÍN..., 2008).

Ao mesmo tempo em que acontecia este encontro, ocorreu, também em Caracas, a assembléia da *Sociedad Interamericana de Prensa* (SIP). A SIP agrupa donos de quase dois mil meios de informação dos Estados Unidos e da América Latina, e teve

como discussão principal da assembléia anual de 2008 a questão da liberdade de imprensa. Segundo texto publicado no site da SIP contendo as conclusões desta assembléia, “en los últimos seis meses, la libertad de prensa sufrió un declive preocupante em las Américas manifestado por procesos legales y dictámenes judiciales contra los medios, así como por el aumento de la violencia contra los periodistas”. E ainda...(...) “o recente incremento de empresas midiáticas estatais na região é uma prova dos novos esforços empregados para o controle da informação”. (SOCIEDAD..., 2008).

Em contrapartida, o sociólogo venezuelano Vladimir Acosta, ao falar sobre a assembléia da SIP, afirmou que “este evento há puesto en evidencia que la SIP puede ser la mejor expresión mediática del dominio imperial ejercido sobre América Latina com sede em Washington” (ACOSTA apud RESUMEN..., 2008). E completou:

Cada vez hay menos gobiernos complacientes y por eso los medios tienen que mentir más, manipular más, presionar más y eso los pone en evidencia como lo que son, el organismo de los dueños de los grandes diarios colocados al servicio del poder imperialista. (ACOSTA apud RESUMEN..., 2008)

Do texto da declaração resultante do *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, destacamos alguns pontos principais:

[...] El terrorismo mediático es la primera expresión y condición necesaria del terrorismo militar y económico que el Norte industrializado emplea para imponer a la Humanidad su hegemonía imperial y su dominio neocolonial. Como tal, es enemigo de la libertad, de la democracia y de la sociedad abierta y debe ser considerado como la peste de la cultura contemporánea. A nivel regional el terrorismo mediático utilizado como arma política en el derrocamiento de gobiernos democráticos [...] está siendo empleado hoy para sabotear cualquier acuerdo humanitario o salida política al conflicto colombiano y para regionalizar la guerra en la zona andina. [...] Empecinada en criminalizar todas las modalidades de lucha y resistencia popular, son pretexto de una falaz noción de seguridad, la administración fundamentalista de George W. Bush ha sido responsable de la sistemática agresión terrorista de los últimos años contra los medios de comunicación alternativos, populares, comunitarios e incluso algunos empresariales. La información no es una mercancía. Tal como la salud y la educación, la información es un derecho fundamental de los pueblos y debe ser objeto de políticas públicas permanentes [...] (RESUMEN..., 2008).

Esses dois importantes eventos fizeram pulsar o tema do terrorismo midiático em Caracas: Freddy Fernández afirmou em um boletim de imprensa divulgado pela própria ABN que na reunião da SIP participam unicamente empresários e donos dos meios de comunicação, enquanto no *Encuentro Latinoamericano* se reúnem verdadeiros

jornalistas de 14 países da América. (BOLETÍN..., 2008). Ampliando o debate, no programa Mesa Redonda da TeleSur – veiculado via internet em 28 de março – os jornalistas presentes, dentre eles o fundador da TeleSur, questionaram o atual papel da SIP, que originalmente teve sua criação para fins democráticos e a favor da liberdade de imprensa mas, no entanto, hoje se posiciona como defensora da causa à qual ela mesma contraria.

Por outro lado, a imprensa brasileira, ao abordar os dois eventos, deu maior ênfase à assembléia da SIP:

A Sociedade Interamericana de Imprensa [...] instalou ontem, em Caracas, uma de suas mais tensas sessões dos últimos anos. A reunião semestral da entidade, que reúne representantes de jornais e revistas de todo o continente, esteve ameaçada por falta de local para abrigá-la. [...] 'Não sabemos o que ocorreu exatamente, mas o problema é que o atual clima político da Venezuela intimida a sociedade venezuelana', assinalou Marroquín. (LAMEIRINHAS, 2008)

A polêmica sobre o papel dos meios de comunicação venezuelanos, tanto privados como estatais, surgiu neste sábado no marco da reunião semestral da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), em Caracas, com o cruzamento de duras críticas ao Governo de Hugo Chávez e editores de imprensa. (POLÊMICA, 2008).

A partir da observação da omissão da notícia informativa ampla, que deveria citar o foco principal dos dois eventos, mas que foi tendenciosamente favorável a SIP, percebemos elementos para pensar de que modo a dominação cultural é exercida sobre os países latino-americanos. De acordo com Beltrán e Cardona, o termo “dominação cultural”, “denota um processo verificável de influência social mediante o qual uma nação impõe a outros países um conjunto de crenças, valores, conhecimentos e normas de comportamento, assim como seu estilo geral de vida.” (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 18-9).

Por enquanto, os estudos disponíveis acerca das imagens de televisão já proporcionam indicações razoavelmente válidas de que este veículo está tentando induzir seu público a aceitar determinadas crenças sobre a vida e o destino humanos, que vários críticos consideram nocivas. (BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 91)

Sodré (1994, p. 130) explica que as decisões e o modo de organização dos países periféricos se concentra não somente numa classe, mas numa etnia, quer dizer, uma comunidade definida por sua língua e por sua cultura, "que projeta narcisicamente a sua

imagem étnico-cultural vitoriosa sobre o resto das populações, através dos *mass-media* ou quaisquer outros meios possíveis de difusão culturalista."

O fato é que a dominação cultural, no caso da América Latina, não seria exercida de tal maneira, não fossem os facilitadores encontrados no interior das classes dominantes das sociedades latino-americanas, que se beneficiam dessa situação de dominação internacional, para exercer um domínio interno sobre as massas:

Os efeitos da dependência cultural nas vidas dos latino-americanos não são consequência de uma "invasão" dirigida por um "inimigo" externo, mas sim o resultado de uma escolha feita pela sua própria classe dirigente em nome do desenvolvimento nacional. A partir desta opção, a vida e a cultura nacionais são subordinadas à dinâmica do sistema capitalista internacional, submetendo a cultura local a uma forma de homogeneização considerada como requisito para a manutenção de um sistema global. (DAGNINO apud BELTRÁN; CARDONA, 1982, p. 38).

A atual centralidade dos meios de comunicação e sua intrínseca relação com o poder, que acabam por autorizar seu papel de "formadores de opinião", encontram na história razões que a justificam. Tendo como exemplo o caso brasileiro, segundo Barbosa (2006), foi a partir da década de 1930 que os meios de comunicação passaram a assumir o papel de protagonista em movimentos políticos, através da divulgação da ideologia do Estado Novo.

A partir daí começam as contradições na grande imprensa, surgidas com a implantação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Devido a ele muitos jornais foram perseguidos e puderam sentir os efeitos da censura, enquanto outros, acabaram por se alinhar com o poder: "ainda que tenha havido encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, houve mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências." (BARBOSA, 2006, p.3).

Já a década de 1950 é marcada por um sentimento de modernização dos meios de comunicação, que possibilitou que o jornalismo se afirmasse "enquanto fala autorizada em relação à constituição do real". (BARBOSA, 2006, p.6).

Ao implementar – através da eleição de parâmetros que são construídos como sendo os da modernização da imprensa – a imagem peculiar de intérpretes isentos e objetivos do mundo social, os jornalistas idealizam a profissão e o papel que devem ter na sociedade. Essa imagem, divulgada ao extremo e disseminada através de múltiplos discursos, se constitui na memória do grupo forjada por ele mesmo: um jornalismo moderno que entra numa nova fase profundamente diversa de todos os momentos anteriores. (BARBOSA, 2006, p.6).

Assim constroem e divulgam a imagem de objetividade e imparcialidade absoluta. E ao fazer com que o público reconheça sua credibilidade, passam a ser detentores de um poder que sai do espaço simbólico e passa a ser real.

A construção de defensores do bem comum, dos interesses públicos, das liberdades democráticas é muito mais um efeito discursivo – no caso da imprensa brasileira – do que, de fato, se configura na prática. E esse discurso contribui para a ampliação do público, através da construção de um lugar simbólico onde se destaca o papel de defensores do bem comum e dos anseios da população de maneira geral. Com isso, se autoconfiguram como intermediários entre o poder e o público, referendando o seu lugar de poder. (BARBOSA, 2006, p. 9).

Com esse poder nas mãos, acabam por se aproximar ideologicamente das questões dominantes. E é o interesse dessas classes dominantes que será transmitido para a população como verdade absoluta. Assim aconteceu em diversos momentos da história política nacional, um exemplo é a “não-cobertura” da campanha Diretas Já, em 1984, que mobilizou milhões de brasileiros sem que a imprensa dispensasse o tratamento devido a um movimento daquelas dimensões. Outro exemplo, que será analisado mais a fundo a diante, é o modo como a imprensa sataniza a imagem do presidente Hugo Chávez, em defesa dos interesses do poderio nacional, subordinado aos interesses norte-americanos.

## **2. TeleSur: será o referencial transformador na história da mídia na América Latina?**

Pela primeira vez na história da América latina surge um novo ator midiático de relevância para fazer oposição à hegemonia do neoliberalismo: a TeleSur. É uma emissora multinacional pública, ou seja, mantida pelos governos de Venezuela (51% de investimento), Argentina (20%), Cuba (19%) e Uruguai (10%). Através da TeleSur é possível perceber, pela primeira vez, o investimento do Estado num meio de massa que serve à cidadania regional, que esteve limitada durante muitos anos a projetos de caráter comunitário ou meios alternativos.

A missão da TeleSur é desenvolver um novo paradigma comunicacional para a América Latina, promovendo o direito à informação e assumindo a veracidade noticiosa como seu princípio fundamental, além de estimular a produção, promoção e difusão de conteúdos próprios da região e fomentar o reconhecimento do imaginário latino-americano, construído por nós, habitantes desta região. Um dos propósitos é abrir

caminhos para que temas latino-americanos sejam produzidos através de uma rede latino-americana, uma vez que há muitos noticiários que se originam fora da região, como é o caso da versão em espanhol da BBC de Londres, das cadeias hispanas dos Estados Unidos, Univisión, CNN em espanhol, Televisa, Globo, etc.

É um canal cuja proposta principal é realçar a integração, a diversidade e a pluralidade da região, além de lutar contra o papel hegemônico da mídia comercial, o discurso único, o pensamento único, a imagem única. Aram Aharonian, jornalista uruguaio, afirmou que esta iniciativa pode se realizar graças aos "novos ares" da esquerda latino-americana, ao mesmo tempo em que negou as críticas de que o canal de televisão será um meio de propaganda de Caracas e de Havana: "Es el primer intento contra hegemónico que hay en América Latina a nivel masivo, a ver si comenzamos a desalambrar el latifundio mediático, pero recién cortamos el primer pedacito de alambre, y de aquí a democratizar esto quedan siglos". (AHARONIAM apud TELESUR, 2008).

A primeira emissão do canal TeleSur foi às 7 h da manhã do dia 31 de outubro de 2005 em Caracas. Sua programação inclui noticiários, informativos, crônicas, reportagens, entrevistas e documentários do continente. As primeiras sucursais a funcionar foram as da Colômbia, Brasil, Argentina e Cuba. Aos poucos a rede de correspondentes foi se ampliando, agora são 12 sucursais: Brasil, Argentina, Bolívia, Peru, Estados Unidos, México, Equador, Venezuela, Colômbia, Haiti, Nicarágua e Cuba - e 6 jornalistas colaboradores permanentes no Chile, El Salvador, Costa Rica, Uruguai, Paraguai e Guatemala.

No Brasil, a TV Comunitária de Brasília já transmite o Telejornal TeleSur em espanhol há algum tempo. Desde o dia 31 de março de 2008, a TV Paraná Educativa transmite de segunda a sexta-feira o TeleSur Notícias traduzido para o português. Isso porque, segundo o diretor da TeleSur no Brasil, um dos responsáveis pela difusão do telejornal em português, a cultura é um componente essencial para a integração regional: "Nós vamos contar para os bolivianos quem foi Tiradentes. Vamos contar para os colombianos que foi Zumbi dos Palmares. Isso já mostra um outro olhar, uma outra narrativa e uma outra linguagem. Mas isso precisa começar pelo respeito aos idiomas." (ALMEIDA, 2005).

Tendo em vista a missão deste canal de televisão, explicada anteriormente, este artigo fará a seguir uma breve análise de como a TeleSur divulgou as notícias a respeito



do conflito Equador X Colômbia, contrapondo sua visão com a da revista Veja, na intenção de criar bases para discutir as diferenças entre esses dois canais de comunicação, verificando como se processam na prática os seus objetivos.

### **3. Diferentes Narrativas: o Conflito Equador x Colômbia**

O conflito entre o governo da Colômbia e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) pode ser descrito como um conflito interno, que envolve atores estatais e não-estatais, e de ampla repercussão internacional. No dia 01 de março de 2008, o exército da Colômbia bombardeou um acampamento das FARC localizado em território equatoriano, e acabou por matar cerca de 20 guerrilheiros, entre eles, Raul Reyes, o segundo nome mais importante da guerrilha, porta-voz das FARC nas negociações para a paz.

Esse episódio não simbolizaria um conflito entre esses dois países, mas entre a Colômbia e um ator não-estatal, as FARC. Porém, a Colômbia utilizou a força dentro do território equatoriano sem o consentimento do governo do Equador, o que caracteriza o episódio como violação da soberania e da integridade territorial do país. Depois de dias de discussão e do envolvimento de outros países latino-americanos, o governo da Colômbia apresentou um pedido de desculpas formal ao governo do Equador. Atualmente o restabelecimento da paz entre os países está sob intervenção da OEA (Organização dos Estados Americanos). (WAISBERG, 2008).

Algumas análises justificam que esse conflito não é bilateral (Colômbia X Equador), mas sim hemisférico e quem sabe, até mesmo mundial, uma vez que reflete o conflito entre dois projetos distintos: o dos Estados Unidos, de soberania limitada aos demais países do continente e o projeto de desenvolvimentismo democrático e de unidade latino-americana. O episódio do bombardeamento colocou esse conflito mais uma vez em pauta. Cada um dos grupos procura o apoio da opinião pública mundial e utiliza os meios de comunicação para isso. Os meios, por sua vez, contam para a população versões diferentes da mesma história, de acordo com seus próprios interesses ou ainda, de acordo com os interesses de quem os influencia economicamente, politicamente e culturalmente.

Em “Para ler o Pato Donald”, Mattelart e Dorfman discorrem sobre as técnicas psicológicas empregadas pelos meios de comunicação para diluir alguns valores considerados como negativos para a manutenção do sistema capitalista e instalar outros

que consideram positivos, principalmente a partir da análise das histórias em quadrinhos do Pato Donald que bem exemplificam essa situação.

Mattelart e Dorfman afirmam que duas importantes técnicas utilizadas são as técnicas de diluição e de recuperação. A técnica de diluição consiste em banalizar um fenômeno estranho ao corpo social, ou um mal que possa abalar as estruturas do sistema, de modo que ele apareça como um incidente isolado e acabe sendo visto pela opinião pública como um inconveniente passageiro, “convertendo o protesto em impostura”, como muito bem definiu Guareschi (1987).

A segunda técnica, a de recuperação, é explicada da seguinte maneira:

a utilização de um fenômeno potencialmente tão perigoso ao corpo social, que ele serve para justificar a contínua necessidade do sistema social existente e de seus valores, e, muitas vezes, justificar, também, a violência e a repressão que fazem parte do sistema. (GUARESCHI, 1987, p. 56).

Responsáveis pela propagação dessa ideologia, os meios de comunicação, “aprofundam politicamente as linhas ideológicas tradicionais desejáveis (individualismo, familiarização etc.) e inculcam valores de mudança (hedonismo, desrepressão, modernização etc.) necessários à expansão do consumo.” (SODRÉ, 1994, p. 45). Ainda segundo Sodré (1994), são pseudovalores, pseudoconhecimentos e pseudo-acontecimentos que compõem esse “jogo de ilusões”, indispensável para reforçar a dominação político-ideológica.

Resumindo, o *modus operandi* que caracteriza o processo ideológico consiste em fazer com que essas forças motoras sejam esquecidas; ou, em outras palavras, em fazer com que as verdadeiras origens da ordem social existente desapareçam de vista, de tal modo que as pessoas sejam capazes de viver nesta ordem natural. A ideologia encobre e disfarça os sinais que poderiam fazer alguém desconfiar de que todas as institui es são instrumentos da coerção. Ela tenta aliviar a sociedade burguesa dessa contradição, que, se não for mediada, corre o risco de revelar a incoerência dessa mesma sociedade, destruindo sua unidade. Esta contradição, que é a base de dominação social, é a mesma que possibilita a formação e a existência de um sistema de distribuição de objetos de consumo em que a maioria se apropria do *surplus* do produto social. Ela translada a discrepância entre a posse social e a apropriação capitalista e explica o antagonismo existente entre os agentes do modo de produção. (GUARESCHI, 1987, p. 20).

A forma como o noticiário televisivo TeleSur e a Revista Veja noticiaram o caso em questão ilustra o que foi dito até aqui.

Na matéria da *Veja*, intitulada "Por que Chávez quer guerra", que desde seu título já demonstra a imparcialidade apresentada até o fim da reportagem, podemos identificar um único momento de informação:

Na madrugada de sábado, primeiro dia de março, um ataque aéreo colombiano devastou um acampamento das Farc instalado nas matas do Equador, a menos de dois quilômetros da fronteira com a Colômbia. O bombardeio matou Raul Reyes, o segundo na hierarquia da organização, e 22 de seus companheiros. (SALVADOR, 2008, p. 43).

A partir disso, o jornalista Alexandre Salvador, que assina a reportagem, deixou de lado os fatos para falar de opiniões, que podem ser verdade ou não, mas que com certeza ajudam o leitor a tomar partido e formar sua opinião influenciado pelas intenções da revista *Veja*. Essas intenções ficam claras logo no primeiro parágrafo da notícia:

O destempero verbal é uma característica dos caudilhos fanfarrões e, na maior parte das vezes, não deve ser tomada ao pé da letra. A saraivada de insultos e ameaças disparadas por Hugo Chávez contra o governo da Colômbia pertence a uma dimensão mais perigosa - aquela na qual trafega o projeto de poder totalitário da esquerda radical na América Latina, único lugar do mundo onde essas sandices que envenenaram o século XX ainda parecem ter algum fôlego. (SALVADOR, 2008, p. 43).

Neste trecho já é possível perceber uma técnica empregada pela revista para influenciar o leitor: a linguagem utilizada, que através de palavras como “caudilhos fanfarrões”, “poder totalitário”, “esquerda radical” e “sandices”, visa estigmatizar a imagem do presidente Hugo Chávez e seu projeto político para a América Latina. As técnicas de convencimento não param por aí:

O governo chavista é hoje o principal patrocinador político e financeiro das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). A esquerda radical da América Latina, liderada por Chávez, sonha usar essa organização, cuja especialidade são os sequestros e o narcotráfico, para criar um clima de guerra que cause a desestabilização dos governos democráticos do continente. (SALVADOR, 2008, p. 43).

Esse parágrafo mostra claramente a técnica referida por Mattelart e Dorfman e explicada anteriormente, chamada de técnica de "recuperação", ou seja, a revista faz questão de mostrar o quão perigoso é o projeto de Hugo Chávez, justificando a necessidade de existência do sistema social vigente. Além disso, ao dizer ironicamente que a especialidade das Farc são os sequestros e o narcotráfico, ajudam o leitor a formar uma opinião negativa e desmoralizante a respeito da organização, sem explicitar quais são as suas verdadeiras razões de existência.

A reportagem termina do seguinte modo:

As Farc têm sido impiedosamente surradas pelo exército colombiano. Apesar de a ajuda venezuelana ter lhes dado algum fôlego, o cerco aperta. Apenas três dias depois da morte do número 2, foi morto Ivan Rios, o número 3 das Farc. Por isso, todos se perguntam onde anda Manuel Marulanda, o chefe supremo da organização. Os boatos são de que se refugiou na Venezuela, sob as asas de Hugo Chávez. (SALVADOR, 2008, p. 44).

E mais uma vez, se mostra imparcial e subjetiva ao dizer que “os boatos são de que se refugiou na Venezuela”, afinal, é evidente que “boatos” não são “fatos”, e não deveriam ser utilizados como forma de influenciar a opinião do leitor.

Em contrapartida, tivemos acesso a uma série de noticiários da TeleSur através dos quais acompanhamos uma outra forma de relato no desenvolvimento do caso Colômbia/Equador.

São mais de quinze vídeos que mostram depoimentos, entrevistas ao vivo, via telefone, coletivas de imprensa com detalhamentos e imagens sobre a invasão ao Equador. Assistimos a duas coletivas de Hugo Chávez. Numa delas o Presidente da Venezuela, num tom sereno, faz uma declaração de cinco minutos, referindo: “[...] Um cadáver num território está sujeito às leis desse território. Até onde estará disposto a chegar o Presidente Uribe com sua loucura? (...) Nós, os bolivarianos respeitamos a soberania de nossos irmãos. Não vamos aceitar que Colômbia se transforme em Israel [...]” (TELESUR, 01/03/2008). Em outra reportagem, num tom exarcebado diz: “Uribe pode ser chefe de uma máfia mas não pode ser Presidente de um país! E muito menos de um país irmão (...) Ele é um mentiroso, mafioso e paramilitar. (...) é um subordinado de Bush”. (TELESUR, 06/03/2008).

A diferença no tom do discurso de Hugo Chávez entre a primeira e a segunda reportagens, pode ser explicada porque, no segundo momento, já haviam fatos que indicavam que o presidente da Colômbia mentia ao dizer que o ataque tinha sido em defesa própria.

Para comprovar a mentira do presidente Uribe da Colômbia, foi divulgada a entrevista em que o presidente do Equador, Rafael Correa, afirma ter visitado o local do ataque e conferido que as vítimas estavam mortas de pijama e algumas com tiros nas costas, o que prova que o ataque foi programado e não foi uma forma de defesa.

Além disso, o depoimento do comandante da Brigada de Operações José Nuñez, mostra imagens no local do bombardeio e mostra que o ataque foi por volta das três

horas da madrugada e que os invasores só poderiam ter descido dos aviões em cordas rápidas para continuar o ataque, com o uso de tecnologia de ponta.

O telejornal TeleSur, no dia 14 de março divulga o comunicado enviado pelas Forças Armadas da Colômbia (FARC) no qual o grupo declara não aceitar a chantagem que se pretendeu montar contra os governos de Equador e a Venezuela. Para eles, o que o presidente colombiano busca com as bombas inteligentes dos Estados Unidos é desviar as atenções do país que lhe exige renunciar à Presidência da República através de acusações que o chamam de genocida, narcomafioso e paramilitar. E desfaz a legitimidade da acusação contra o governo da Venezuela afirmando que o único país que aportou com armas e milhões de dólares é o governo dos Estados Unidos. E completa: “(...) toda a maquinaria midiática foi ativada para mentir e vomitar fogo contra o Equador e Venezuela e, também contra as FARC (...)”. (TELESUR, 14/03/2008).

Através dessa breve análise de algumas notícias veiculados percebemos as diferenças no discurso da TeleSur e da revista Veja. Enquanto a reportagem da Veja fala sobre as FARC como sendo uma organização que tem como únicos objetivos os sequestros e o narcotráfico, a TeleSur fala dela sob outro ângulo, dando um espaço para que ela própria procure mostrar sua legitimidade. Enquanto a reportagem da Veja responsabiliza Hugo Chávez e a Venezuela pela guerra e por todo mal que pode acontecer ao território e ao povo da América Latina, a TeleSur mostra a responsabilidade dos EUA e do neoliberalismo, na tentativa de continuar exercendo o controle dos países ao sul.

### **Considerações Finais**

Devido ao *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, o tema da dominação cultural e política exercida pelos Estados Unidos é o ponto nevrálgico da desestabilização latino-americana. Diante disso, apresentamos neste artigo os objetivos desse encontro, que discutiu sobre o papel que a imprensa tem realizado de opositor aos movimentos revolucionários do continente, e que se realizou paralelamente à assembléia da *Sociedad Interamericana de Prensa* (SIP), sociedade que reúne os donos de quase dois mil meios de informação das Américas.

Observamos que os dois encontros realizaram críticas simultâneas um ao outro, a SIP, no sentido de atestar que a liberdade de imprensa não tem sido exercida na

América Latina, versus o *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, no sentido de mostrar que um dos principais responsáveis pelo imperialismo noticioso que ocorre no continente é a própria SIP. Poucos meios de comunicação brasileiros entraram nessa discussão e, decorrente de breve levantamento de alguns jornais, vimos que não foram imparciais em sua divulgação.

Tendo colocado o tema em pauta, procuramos falar sobre alguns elementos conceituais, que mostram como se dá a dominação cultural dos países latino-americanos por parte dos Estados Unidos. Além de mostrar como os meios de comunicação, historicamente, se transformaram em formadores de opinião.

Para verificar as diferenças entre a TeleSur e os meios de comunicação tradicionais, escolhemos analisar o modo como um tema muito divulgado pela mídia e que faz parte de um importante momento comunicacional do continente foi veiculado: o conflito ocorrido entre o Equador e a Colômbia na primeira semana de março de 2008 devido ao bombardeamento de uma base das FARC pela Colômbia em território equatoriano. A análise possibilitou a percepção da tendenciosidade dos meios de comunicação, na medida em que verificamos que o mesmo assunto foi tratado de maneira totalmente diferente na TeleSur e na Veja, mídia brasileira escolhida para realizar o contraponto. É nesse momento que nos questionamos: qual é a realidade que as pessoas vêem através da mídia? Será que só enxergam o que querem ver? Ou será a carência de "novos olhares" que faz com que determinada forma de entender a realidade seja aceita?

Parece que o passo na direção de um outro jornalismo só será dado no momento em que a realidade presente nos meios de comunicação passar a ser a realidade das massas latino-americanas. A primeira impressão é de que é esse papel que a TeleSur pretende cumprir.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, B. *Telesur será uma TV em favor da integração dos povos, diz diretor multinacional*. Disponível em: <http://www.piratininga.org.br/artigos/2005/72/betoalmeida-telesur.html>. Julho de 2005. Entrevista.

BARBOSA, M. *Meios de Comunicação no Brasil Pós-30: reflexões em torno da historicidade e do papel da imprensa*. In: UNIrevista, vol. 1, no. 3, julho/2006.

BELTRÁN SALMÓN, L. R., CARDONA, E. F. *Comunicação Dominada, os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

*BOLETÍN de Prensa*: Encuentro Latinoamericano vs Terrorismo Midiático. Agência Bolivariana de Notícias. Disponível em: <http://www.abn.info.ve/CrearNoticia/archivo/28&&03&&2008%2009&34%20pm.pdf>. Acesso em: 11/04/2008.

POLÊMICA sobre a mídia venezuelana surge em fórum de imprensa. *Jornal Folha de São Paulo Online*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u387122.shtml>. Acesso em: 29/03/2008.

GUARESCHI, P. A. *Comunicação & Poder. A presença dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LAMEIRINHAS, R. SIP inicia encontro sob tensão em Caracas. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 29 de março de 2008.

MATTELART, A., DORFMAN, A. *Para ler o Pato Donald: cultura de massa e colonialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

*RESUMEN Latino Americano*. Disponível em: <http://www.resumenlatinoamericano.org>. Acesso em: 02/04/2008.

SALVADOR, A. Por que Chávez quer guerra. *Revista Veja*. Pág 42-44. 12 de março de 2008.

*SOCIEDAD Interamericana de Prensa*. Disponível em: <http://www.sipiapa.org>. Acesso em: 02/04/2008.

SODRÉ, M. *A máquina de Narciso. Televisão, indivíduo e poder no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

*TELESUR en período de prueba*. Disponível em: <http://www.sntp.org.ve/juno06.htm>. Acesso em: 10/04/2008.

WAISBERG, T. *A crise armada Colômbia-Ecuador no contexto da guerra contra o terrorismo internacional*. Disponível em: <http://mundorama.net/2008/03/18/a-crise-armada-colombia-equador-no-contexto-da-guerra-contra-o-terrorismo-internacional-por-tatiana-waisberg>. Acesso em: 06/04/2008.

